

Arte e ativismo

Texto da exposição de Jac Leirner

Ilustríssima Folha de São Paulo

Jac Leirner aborda uso de drogas em exposição e critica ativismo nas artes

(...)

Nos anos 1980, museus e organizações similares, que em geral privilegiavam acervos e exposições de artistas históricos, passaram a acolher de maneira mais ampla a arte contemporânea. "Foi uma novidade", lembra Jac, "mas agora o que está acontecendo é que as instituições estão abrindo seus espaços e suas pernas para o mercado. O mercado está dentro das instituições."

A artista vê na cena atual uma espécie de "grande maçaroca", causada pela diluição de fronteiras e inversão de papéis.

"Feiras algumas vezes exibem arte de ponta, enquanto galerias em certos casos fazem o papel de instituições e mostram obras que aparentemente são invendáveis; fazem também exposições de artistas com trabalhos muito engajados, que parecem ir contra o mercado, mas que acabam finalmente sendo absorvidos, porque o mercado absorve tudo, seja uma nuvem, uma ideia, uma lágrima ou um som", diz Jac.

"É lógico que muitos artistas ficam fora disso. Eles não têm galerias para representá-los em feiras e não entram nesses museus. Ficam no underground, fora do circuito. E temos hoje também essas artes insuportáveis, como arte de rua, arte feminista, arte desse pessoal ativista."

Na onda emergente dos [movimentos identitários e da polarização ideológica](#), a seara cultural, em suas diversas frentes, passou nos últimos anos a conviver com uma proliferação de produções que

muitas vezes extraem seu interesse antes de causas e reivindicações do que da imaginação ou da potência da linguagem artística.

"Outro dia me perguntaram se a arte 'resiste'. Eu respondi que ela existe, ela não resiste. Não tem essa de resistência. Esse ativismo é um uso da arte que a denigre e rouba", critica Jac.

"Não é só política, mas todos esses grandes temas, como economia, violência, gênero... São assuntos muito importantes, mais importantes até do que a arte, que devem ser tratados com respeito e conhecimento. Mas não é na arte que isso vai ser resolvido. A arte incorpora tudo isso, mas ela incorpora de forma presencial. Ela apresenta, ela não representa. Ela é a economia, ela é o gênero, ela é a política, não é que ela fale de."

Jac continua: "A arte é tomada de empréstimo para cumprir uma função que, no fundo, não tem. Se transforma em ilustração. Passa a ilustrar esses outros assuntos."

Assuntos que com frequência vêm se impondo em curadorias e exposições em prejuízo de um aprofundamento da poética da arte. "Esses museus e essas grandes mostras estão servindo muitas vezes a essas questões e temas, trazendo grandes públicos interessados neles. Claro que a arte desdobra ideias, desdobra emoções e desdobra história. Mas essa arte como ilustração não desdobra nada, ela apenas ilustra qualquer coisa."

Marcos Augusto Gonçalves é repórter especial da **Folha**, editor da série de cadernos temáticos "E agora, Brasil?" e autor de "1922 - A Semana que não Terminou". Foi editor da Ilustrada e da Ilustríssima.

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/07/jac-leirner-aborda-uso-de-drogas-em-exposicao-e-critica-ativismo-nas-artes.shtml>